



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

ARQUITETURA ④

ESTUDOS TECNOLÓGICOS Nº 20

1982

VOLUME VI



UNISINOS

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

ARQUITETURA ④

ESTUDOS TECNOLÓGICOS Nº 20

1982

VOLUME VI

Arquitetura 4	E.T. Nº 20	Vol. VI	1982	p. 1-70
---------------	------------	---------	------	---------

Apresentando o quarto número da Revista da Arquitetura cumpre-nos salientar que neste momento em que tantos conceitos são revisados e se ampliam os debates em torno da arquitetura, nossos professores trazem aqui algumas colaborações.

Nosso objetivo tem sido fazer deste espaço um veículo de idéias novas e um estímulo a produção de conhecimento.

Persistindo nestes objetivos agradecemos os que tem conosco colaborado e reforçamos o convite a todos aqueles que ainda aqui não deixaram seus depoimentos para que o façam.

Maria Amelia Bulhões Garcia
Chefe da equipe de redação

ÍNDICE

1. **Kitsch e Arte Popular — Uma Relação de Dominação Cultural** — Blanca Brites Nuñez 5
2. **Arquitetura Espontânea: Uma Proposta de Estudo** — Prof^a Maria Amelia Bulhões Garcia 11
3. **Aspectos do Art-Nouveau** — Tânia Torres Rossari 17
4. **URBE — Um Espaço Dinâmico** — Prof. Manuel Galvão Lucas 25
5. **Infraestrutura de Saneamento Básico: Análise da Distribuição Espacial em Porto Alegre e os Aspectos Sociais Políticos e Econômicos** — Arq. Isabel Medero Rocha 31

ARQUITETURA ESPONTÂNEA:

Uma Proposta de Estudo

Profª Maria Amelia Bulhões Garcia()*

Trabalhando há vários anos nas disciplinas de Estudos de Arte temos nos preocupado em perceber a arquitetura como um fato inserido em determinado contexto.

Principalmente na disciplina de Estudos de Artes IV, nossa atenção tem sido encaminhada na direção da problemática da arquitetura contemporânea, que nos parece, abranger um universo bastante complexo e heterogêneo.

Paralelamente ao estudo já amplamente desenvolvido e divulgado da arquitetura oficial, nos tem despertado atenção o fenômeno da chamada arquitetura espontânea. Assim iniciamos sobre este tema um trabalho de pesquisa que nos parece digno de referência pela abertura de horizontes que o mesmo envolve.

Para iniciarmos a observação deste fenômeno se fazem necessárias algumas colocações básicas no tocante à cultura e grupos sociais.

Em todo agrupamento humano estabelece-se uma relação entre este e a natureza, meio físico geográfico em que se insere. Desta relação homem-natureza e das relações entre os homens deste agrupamento em sua luta pela sobrevivência, emerge o que os antropólogos denominam cultura. Através de suas relações com a natureza e entre si, os homens organizam sua vida material e o corpo de idéias que lhes explica o mundo e suas relações dentro dele. A cultura constitui-se, assim, no próprio universo material e espiritual de um grupo.

Este conceito de cultura é

(*) Prof. de Estudos de Art. IV no curso de Arq. e Urbanismo da Unisinos.

Arquitetura 4	E.T. Nº 20	Vol. VI	1982	p. 11-16
---------------	------------	---------	------	----------

claramente observável a nível de grupos culturais simples, como os povos primitivos. Em sociedades complexas, geradas pelo desenvolvimento da organização produtiva humana, desenvolvem-se sub-grupos e o fenómeno cultural torna-se mais complexo.

Não podemos pretender encontrar em sociedades complexas uma única e homogênea organização cultural. As condições materiais de vida de um determinado sub-grupo determinam particularizações em sua cultura.

Contemporaneamente a sociedade industrial e sua indústria cultural tem pretendido a existência de uma cultura "universal". Esta homogeneização fictícia impõe padrões culturais que não correspondem às diferenças reais da sociedade. Negando as diferenças reais, nega-se a própria identidade dos sub-grupos, que não participando da "produção da cultura" a consomem de forma alienada.

Neste processo cultural, que engloba os mais variados níveis de organização material e espiritual está inserido a produção arquitetônica. No campo da arquitetura, podemos identificar como tendência homogeneizadora o que comumente denomina-se arquitetura ofi-

cial, aquela elaborada e imposta pelos meios oficiais. Esta arquitetura veicula padrões internacionais, que são consumidos com aparência de manifestações locais. A criação e usufruto desta arquitetura restringi-se a uma elite, principalmente se pensarmos nas condições reais de vida da grande massa da população.

Enquanto são criadas dentro destes "padrões internacionais" algumas obras de real "valor arquitetônico", a maioria da população, marginal em relação à esta produção, desenvolve o que comumente designa-se sub-arquitetura.

Nossa preocupação de definir, localizar e estudar manifestações de "arquitetura espontânea" insere-se numa tentativa de perceber manifestações das diferenças reais dentro de nossa sociedade.

Entendemos por "arquitetura espontânea" as manifestações construtivas que, fugindo aos padrões oficiais, os reelaboram e criam a partir de condições materiais e de conhecimento empírico, obras que poderíamos considerar arquitetônicos no sentido de organização espacial, funcionalidade e plasticidade.

Para estudarmos a arquitetura espontânea é importante termos clareza sobre seus pro-

dutores, pois ela é geralmente resultado do trabalho continuado de determinado grupo, em um local definido. Estabelecem-se ao longo de gerações, padrões que adaptativamente tornam-se formas ideais, sendo então adotadas pelo grupo como usuais. Neste caso enquadram-se as construções dos imigrantes no Rio Grande do Sul.

Como produtores da "arquitetura espontânea" podem ser identificados também, indivíduos isolados que parecem, em determinado contexto "cristalizar" através de um processo altamente criativo, as variantes construtivas de determinado grupo.

Alguns exemplos destas construções foram identificados ao longo de nossas pesquisas e nos parecem dignas de nota, principalmente porque manifestações individuais normalmente são desconsideradas num estudo de conjunto.

Ao estendermos nosso interesse às manifestações não "oficiais" da arquitetura uma questão básica se impõe: Por que estudar e pesquisar arquitetura espontânea?

Em primeiro lugar para revisar posições homogeneizadas, posições que tendem à elitização e massificação. Os padrões de necessidades constru-

tivas são estabelecidos a partir de pressupostos que não dizem respeito diretamente à grande maioria da população. Assim, a população como um todo consome padrões impostos sem ter oportunidade de expor suas reais necessidades e aspirações e quando o fazem são vistas como falta de "cultura" e "educação". Até mesmo padrões estéticos lhes são impostos, desvalorizando os seus.

Muitos "intelectuais" entre estes arquitetos, pretendem "educar o povo" para que este possa usufruir da arquitetura oficial que lhes é imposta.

Estes arquitetos não percebem ou não fazem questão de perceber os interesses econômicos que se inserem nestes padrões arquitetônicos que estão a impor.

Nos parece fundamental a contribuição que podemos receber da arquitetura espontânea no sentido de perceber necessidades e aspirações concretas de camadas da população que normalmente não são consultadas. E, quando o são, seus códigos culturais não correspondem aos oficiais, de maneira que no mais das vezes não podemos considerar respostas à questionários como uma consulta válida neste sentido. A observação sensível e aberta de manifestações de ar-

quitetura espontânea parece ser um documento muito mais útil neste caso.

Nas manifestações da arquitetura espontânea podemos observar a criatividade humana, expressando-se em processos adaptativos, que, se não são os mais ricos, são porém, bastante elucidativos da enorme capacidade humana de adaptação que leva à criação de padrões de comportamento e de gosto.

Dentro deste estudo, pode ainda ser abordado, com maior profundidade, a questão da arquitetura no meio rural e urbano. Verifica-se que no desenrolar de pesquisas no campo da arquitetura espontânea se delineiam com bastante clareza as peculiaridades do rural e do urbano, geralmente desdenhadas pela arquitetura oficial. Evidenciam-se de maneira gritante, as determinações do meio físico geográfico no rural e a questão do custo econômico dos materiais no meio urbano. Diferenciam-se, igualmente, as respostas em termos de assentamento e infra estrutura.

Parece-nos significativo que as manifestações da arquitetura espontânea guardem em si preciosos conhecimentos em termos de adaptabilidade. O homem, pressionado pelo meio físico geográfico e econô-

mico busca e encontra soluções que primam fundamentalmente pela adaptabilidade aos recursos existentes o que a tecnologia do mundo atual parece muitas vezes relegar e esquecer.

Os conhecimentos empregados nestas construções, não restritos aos veiculados pelo ensino oficial, apresentam-nos a riqueza do conhecimento empírico. A sabedoria popular parece nos provar que os homens, mesmo quando afastados da elaboração da "cultura oficial" desenvolvem um potencial de conhecimentos que pode enriquecer o conjunto do "conhecimento humano", nos mais variados campos.

Assim, no campo da arquitetura podemos tentar buscar esta sabedoria popular, não como solução final, mas como fonte de experiência prática e ampliação de nossos horizontes e mesmo quebra de certa rigidez intelectual da cultura oficial. Abre-se com o estudo da arquitetura espontânea novos e ilimitados campos de estudo para o arquiteto profissional.

Não se pretende que a arquitetura espontânea seja estudada como uma exaltação do empírito e da pobreza, mas sim que abram-se brechas numa formação elitista e homogeneizadora. Objetiva-se que o ar-

quiteto perceba de maneira concreta e específica o imenso mundo cultural e criativo dos setores populares que o rodeiam e que possa dar-se conta de seu papel.

Baseados nas idéias aqui expostas é que organizamos uma pesquisa de campo a ser realizada com os alunos. A experiência foi efetuada também junto ao curso de arquitetura da F.A. Ritter dos Reis na qual também atuamos.

A idéia proposta era de levantamento de prédios que pudessemos classificar como manifestação de "arquitetura espontânea. A adesão dos alunos foi bastante calorosa.

Fizemos um levantamento bibliográfico básico já que as publicações sobre o assunto são exíguas e indicamos aos alunos alguma leitura. A partir das leituras realizadas organizamos em aula um seminário. O seminário objetivou a esclarecer alguma das muitas dúvidas que surgiam e firmar algumas posturas básicas.

Em cima deste lastro realizaram-se as pesquisas de campo cujo objetivo era a identificação de prédios. Para dinamizar e ampliar as possibilidades, não se delimitou um

universo para a pesquisa, a única exigência é que o prédio deveria ser visitado interna e externamente pelo pesquisador.

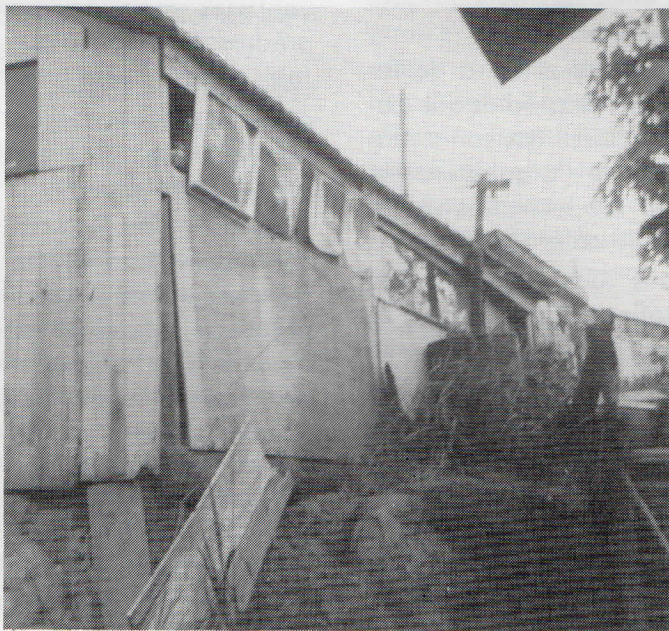
A mobilização e o entusiasmo gerado pela pesquisa denotou a importância da inserção deste tipo de preocupação no curso de arquitetura. Os resultados da pesquisa foram bastante válidos, temos já levantados mais ou menos 70 prédios dos quais algumas das fotos ilustram este artigo.

Cada prédio levantado tem sua localização exata e um memorial descritivo que auxilia sua avaliação.

A riqueza e as oportunidades de crescimento pessoal e grupal deste tipo de experiência nos levou a desenvolver um projeto mais amplo do qual esta foi a primeira etapa.

As etapas seguintes serão realizadas com novas turmas sempre uma apreendendo e dando continuidade ao trabalho das anteriores.

Em próximos artigos poderemos expor o desenvolvimento das próximas etapas. Aqui fica nosso entusiasmo e satisfação do trabalho realizado.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATTISTI, E. **Arquitectura, Ideologia y Ciencia**. Blume - Barcelona.
COBIJO, H. Blume ediciones, 1979.

DOLFUS, Jean. **Aspectos de la arquitectura popular en el mundo**.
Barcelona, G. Gilli, 1955.

OLIVER, Paul. **Cobijo y Sociedad**. Blume, Barcelona, 1969.

RUDOFISKY, Bernard. **Arquitectura sin arquitectos**. G. Gilli.